

## MERCADO DE TRABALHO

# Desempenho recente do mercado de trabalho e perspectivas para o ano

### Sumário

Os dados mais recentes mostram alguns sinais positivos, como o ritmo de recuperação da população ocupada, que tem se acentuado nos últimos meses – a ponto de conseguir reduzir a taxa de desemprego mesmo num cenário de recuperação da taxa de participação. No entanto, as taxas de desocupação e de informalidade ainda se encontram em patamares elevados (essa última inclusive com tendência de aumento). Segundo a desagregação dos trimestres móveis da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, após atingir 15,1%, em março deste ano, a taxa de desocupação recuou para 13,7%, em junho.

O avanço da população ocupada vem ocorrendo, sobretudo, em setores que empregam relativamente mais mão de obra informal. Destacam-se os setores de construção, agricultura e serviços domésticos, que registraram crescimento anual da população ocupada de 19,6%, 11,8% e 9%, respectivamente. Por esse motivo, o crescimento se concentrou nos segmentos informais do mercado de trabalho, com altas de 16% dos empregados no setor privado sem carteira e de 14,7% dos trabalhadores por conta própria no segundo trimestre de 2021. No caso do setor privado com carteira, em que pese o pequeno crescimento de 0,1%, observado no último trimestre, essa é a primeira variação positiva apurada pela PNAD Contínua desde o primeiro trimestre de 2020, o que começa a reduzir as diferenças entre os resultados da pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e os dados extraídos do Novo Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (Novo Caged) do Ministério do Trabalho. Por certo, os dados do Novo Caged contabilizam a geração de quase 3,1 milhões de novas vagas com carteira nos últimos doze meses, encerrados em julho, o que sinaliza um avanço de 8,1% do estoque de trabalhadores formais na comparação com o mesmo mês do ano anterior.

As estatísticas extraídas da PNAD Contínua mostram ainda que esse aumento do emprego no segundo trimestre, na comparação com o mesmo período do ano anterior, ocorreu de forma disseminada entre os diferentes segmentos da população, com destaque para a expansão da ocupação entre as mulheres (2,2%), os jovens (11,8%) e os trabalhadores com ensino médio (7,0%).

Nota-se, entretanto, que, mesmo diante de uma expansão significativa da ocupação, com efeitos positivos sobre a redução do desalento – queda de 1,8% da população desalentada no segundo trimestre de 2021 –, alguns indicadores importantes mostram que outras dimensões do mercado de trabalho brasileiro ainda seguem

### Maria Andréia Parente Lameiras

Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

### Carlos Henrique Corseuil

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea

carlos.corseuil@ipea.gov.br

### Lauro Ramos

Técnico de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea

lauro.ramos@ipea.gov.br

### Felipe Mendonça Russo

Assistente de pesquisa na Disoc/Ipea

felipe.russo@ipea.gov.br

Divulgado em 27 de setembro de 2021.

numa trajetória de deterioração. Além da já mencionada alta na informalidade, temos aumento tanto para o indicador de subocupação como do tempo de permanência no desemprego. De acordo com os microdados de transição extraídos da PNAD contínua, o percentual de trabalhadores desocupados que estavam nesta situação por dois trimestres consecutivos saltou de 47,3% no primeiro trimestre de 2020 para 73,2% no segundo trimestre de 2021.

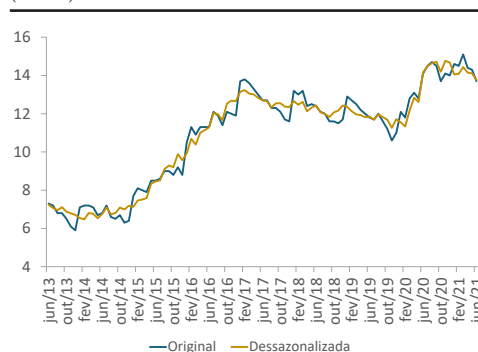
## 1 Aspectos gerais

O mercado de trabalho, apesar da melhora recente, ainda apresenta um quadro desafiador, com taxas de desocupação, subocupação e informalidade ainda em patamares elevados (esta última inclusive com tendência de aumento). No entanto, o ritmo de recuperação da população ocupada vem se acentuando nos últimos meses, a ponto de conseguir reduzir a taxa de desemprego mesmo num cenário de recuperação da taxa de participação. Segundo a desagregação dos trimestres móveis da PNAD Contínua, observa-se que, após atingir 15,1%, em março, a taxa de desocupação vem decrescendo, de modo que, em junho, já havia recuado para 13,7%. De modo similar, os dados dessazonalizados indicam que a taxa de desocupação em junho (13,8%) é a menor apurada desde maio de 2020.

A análise dos dados revela ainda que a intensidade desse movimento de queda da taxa de desocupação vem sendo atenuada pela pressão vinda do aumento da taxa de participação, que avançou de 54,8%, em junho de 2020, para 58,2% em junho de 2021, impulsionada pelo retorno à força de trabalho de uma parcela de indivíduos que haviam saído do mercado por conta da pandemia. De fato, em junho, mesmo diante de um aumento de 8,2% da ocupação, a taxa de desocupação recuou apenas 0,04 ponto percentual (p.p.), na comparação interanual, devido à alta de 7,7% da força de trabalho (gráfico 2). Ressalta-se, no entanto, que, apesar dessa aceleração nos últimos meses, a força de trabalho brasileira ainda se encontra em patamar inferior ao observado no período pré-pandemia. De acordo com os dados da PNAD Contínua mensalizados pelo Ipea, em junho de 2021, a força de trabalho no país era de aproximadamente 103 milhões de pessoas, ou seja, cerca de 3 milhões a menos que a contabilizada em fevereiro de 2020 (106 milhões).

Para os próximos meses, a expectativa é que esse movimento de recomposição da força de trabalho continue, ainda que em menor intensidade, impulsionado não só pelo controle da pandemia, mas também pelo fim próximo do Auxílio Emergencial, que deve ser extinto em outubro. Por conseguinte, a expansão da ocupação poderá não ser suficientemente forte para reduzir consideravelmente o contingente

GRÁFICO 1  
PNAD Contínua: taxa de desocupação mensalizada<sup>1</sup> – original e dessazonalizada  
(Em %)

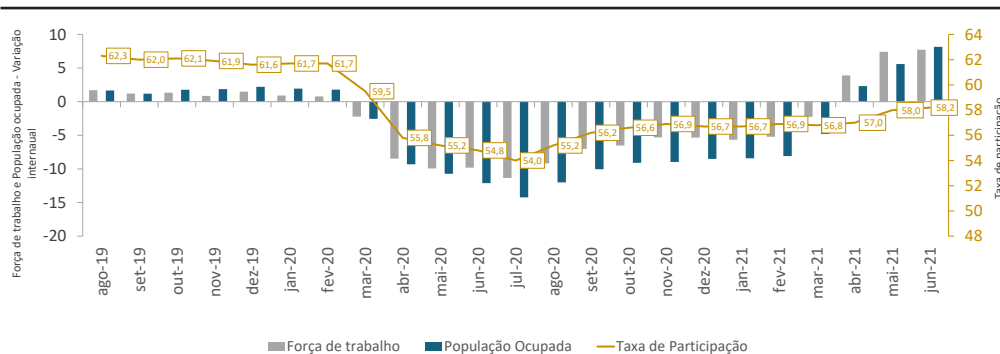


Fonte: PNAD Contínua/IBGE e Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.  
Nota: <sup>1</sup> As séries mensalizadas foram obtidas a partir da metodologia desenvolvida por Hecksher (2020).

de desocupados, o que tende manter a taxa de desemprego em patamar elevado ao menos no curto prazo.



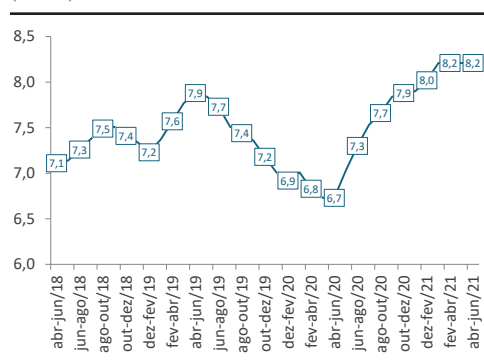
GRÁFICO 2  
PNAD Contínua: indicadores do mercado de trabalho  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE e Disoc/Ipea.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

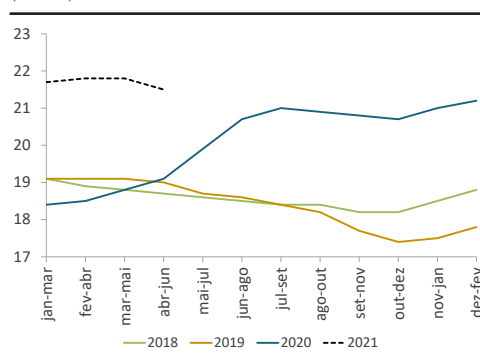
Adicionalmente à recomposição da força de trabalho, o elevado número de subocupados também pode constituir-se um limitador à queda da desocupação, tendo em vista que antes de abrir uma nova vaga, há a possibilidade de estender a jornada de trabalho de indivíduos já ocupados. O percentual da população ocupada que se declarava subocupada<sup>1</sup> permaneceu em 8,2%, no segundo trimestre de 2021 (gráfico 3), contribuindo para a manutenção de uma taxa combinada de desocupação e subocupação em patamar elevado (gráfico 4). Apesar desse desempenho ruim da subocupação, o número médio de horas efetivamente trabalhadas por semana já retomou o nível pré-crise da Covid-19 (gráfico 5).

GRÁFICO 3  
PNAD Contínua: subocupados em relação à população ocupada total  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 4  
PNAD Contínua: taxa combinada de desocupação e subocupação  
(Em %)



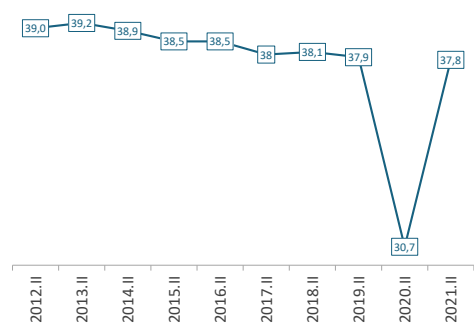
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Além da alta da subocupação, o aumento do tempo de permanência no desemprego corrobora a constatação de que o mercado de trabalho ainda se encontra em situação desfavorável. De acordo com os microdados de transição extraídos da PNAD Contínua, o percentual de trabalhadores desocupados que estavam nesta situação por dois trimestres consecutivos saltou de 60% no segundo trimestre de 2020 para 73,3% no segundo trimestre de 2021 (gráfico 6). Por outro lado, a

1. Por definição, são considerados subocupados os indivíduos que trabalham menos de quarenta horas semanais, mas que teriam disponibilidade e gostariam de trabalhar mais horas.

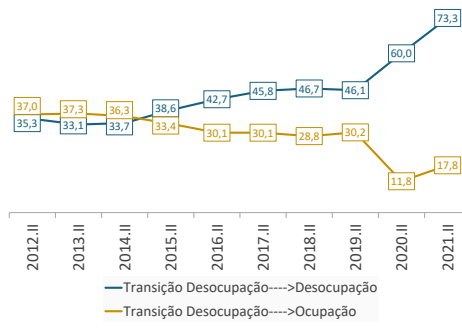
parcela de desempregados que obtiveram uma colocação no trimestre subsequente recuou de 26,1% para 17,8% no mesmo período.

**GRÁFICO 5**  
PNAD Contínua: média de horas efetivamente trabalhadas na semana de referência  
(Em horas/semana)



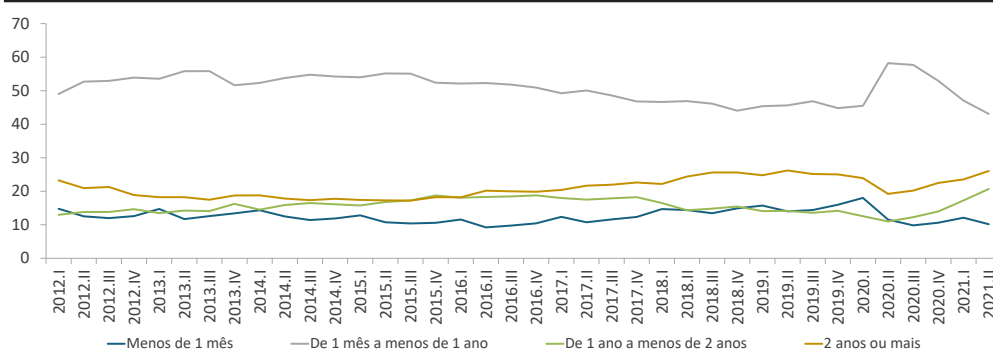
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 6**  
PNAD Contínua: transições de desocupados  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 7**  
PNAD Contínua: desocupados por tempo de procura de trabalho  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Como consequência do aumento no tempo de permanência no desemprego no segundo trimestre de 2021, quase a metade dos trabalhadores desocupados procuravam emprego há mais de um ano, e um em cada quatro trabalhadores desocupados estavam nesta situação há mais de dois anos (gráfico 7).

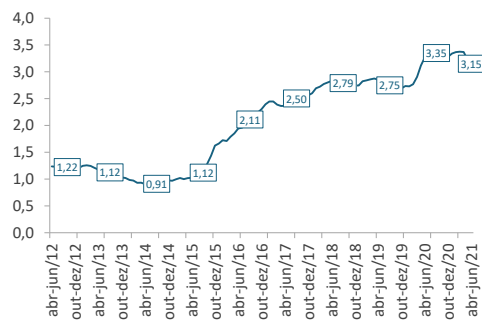
Nota-se, entretanto, que, apesar da elevação do tempo de desemprego, a expansão da ocupação vem gerando uma percepção de melhora nas condições do mercado de trabalho, desencadeando uma queda no desalento. Segundo os dados da PNAD Contínua, após atingir, no primeiro trimestre de 2021, o maior contingente de desalentados já apurado pela pesquisa (6,0 milhões), este grupo vem recuando, ainda que lentamente, de modo que no segundo trimestre este total era de 5,6 milhões, o que corresponde a 3,2% (gráfico 8) da população em idade ativa (PIA).

As reduções da população desalentada nos últimos meses e na taxa de desemprego vêm sendo impulsionadas pela expansão da ocupação, cujo contingente já se aproxima do nível observado no período pré-pandemia (gráfico 9). Após a exclusão dos fatores sazonais, os dados mensalizados da PNAD Contínua indicam que, em ju-

no, a população ocupada no mercado de trabalho brasileiro somava 88,8 milhões, atingindo maior patamar desde março de 2020 (90,5 milhões).

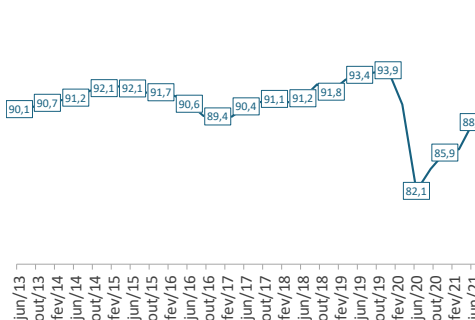


**GRÁFICO 8**  
PNAD contínua: desalentados em relação à PIA  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

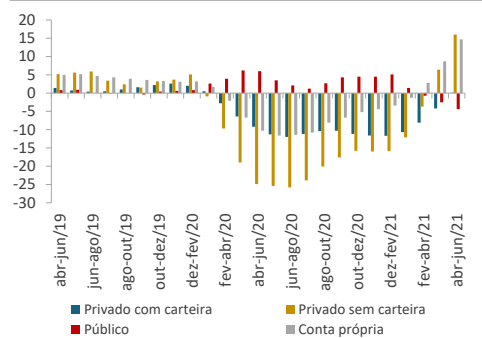
**GRÁFICO 9**  
PNAD Contínua: população ocupada mensalizada – dados dessazonalizados  
(Em milhões de pessoas)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

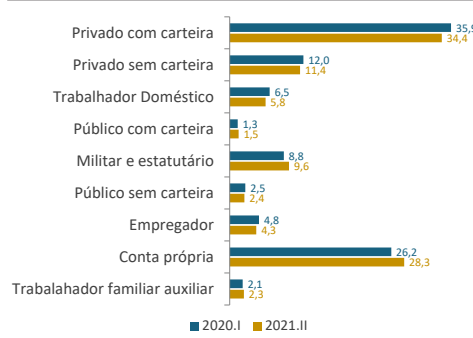
A partir da desagregação da população ocupada por vínculo, nota-se que, segundo a PNAD Contínua, a recuperação da ocupação vem ocorrendo de forma mais intensa nos segmentos informais do mercado de trabalho, ou seja, entre os empregados sem carteira e os trabalhadores por conta própria. No segundo trimestre de 2021, na comparação interanual, o emprego no setor privado sem carteira apontou alta de 16%, enquanto o contingente dos trabalhadores por conta própria registrou expansão de 14,7% – segmentos que mais sofreram na crise de 2020. No caso do setor privado com carteira, em que pese o pequeno crescimento de 0,1%, observado no último trimestre, esta é a primeira variação positiva deste contingente de trabalhadores, apurado pelo IBGE, desde o primeiro trimestre de 2020 (gráfico 10). Em contrapartida, a ocupação no setor público recuou 4,4% no segundo trimestre deste ano. Ainda de acordo com os dados do IBGE, no segundo trimestre de 2021, a maior parcela dos ocupados no mercado de trabalho brasileiro era composta por empregados no setor privado com carteira (34%), seguido pelos empregados por conta própria (28%). No entanto, na comparação com o período pré-pandemia (primeiro trimestre de 2020), a proporção dos ocupados com carteira no setor privado recuou 1,5 p.p. ao passo que a dos conta própria avançou 2,1 p.p. (gráfico 11).

**GRÁFICO 10**  
PNAD Contínua: população ocupada por vínculo empregatício – taxa de variação interanual  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 11**  
PNAD Contínua: participação da população ocupada por vínculo empregatício  
(Em %)

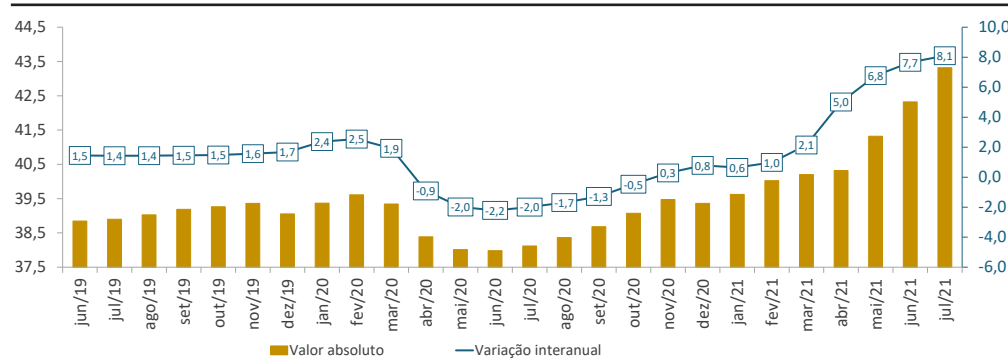


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Embora no último trimestre as estatísticas da PNAD Contínua já mostrem um leve incremento do emprego formal, os dados do Novo Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (Novo Caged), do Ministério do Trabalho, mostram um cenário bem mais favorável, com expansão da população ocupada com carteira desde novembro de 2020. Segundo o cadastro, de janeiro a julho de 2021, a economia brasileira gerou aproximadamente 1,85 milhões de novos postos de trabalho formal. Já no acumulado em doze meses, o saldo de novas vagas com carteira ultrapassa o montante de 3,09 milhões. Após a incorporação desses resultados, o estoque de trabalhadores formais medido pelo Novo Caged chegou a 41,2 milhões, em julho de 2021, avançando 8,1% na comparação com o mesmo mês do ano anterior (gráfico 12).

GRÁFICO 12

Novo Caged: estoque de empregos formais, em valor absoluto (milhões de pessoas) e variação interanual (porcentagem)



Fonte: Caged/Secretaria de Trabalho.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Como consequência da melhora no desempenho do emprego formal apontado pelo IBGE, o diferencial entre as curvas da PNAD Contínua e do Novo Caged que retratam a trajetória recente do emprego formal no país se tornou menos intenso no último trimestre. Nota-se, no entanto, que, enquanto os dados do Novo Caged já mostram, em junho de 2021, um contingente de ocupados formais que supera em 3,9% o observado no início da pandemia (março de 2020), as estatísticas da PNAD Contínua indicam que esse montante ainda está 3,4% abaixo do nível pré-pandemia.

## 2 Análise dos fluxos de ocupação e desocupação

A estrutura da PNAD Contínua permite que domicílios e seus moradores sejam entrevistados por até cinco vezes, sempre com um intervalo de três meses, perfazendo um intervalo de um ano entre a primeira e a eventual quinta entrevista. A comparação da informação fornecida em duas entrevistas consecutivas pode ser muito útil para entender os ajustes observados no mercado de trabalho, na medida em que permite quantificar as transições entre diferentes posições ocupadas pelos indivíduos no mercado de trabalho.<sup>2</sup>

A análise desta seção é baseada exatamente nessas transições. Antes de expor os resultados, vale esclarecer algumas questões metodológicas que se tornaram impor-

2. Vale dizer que o IBGE disponibiliza apenas um código identificador do domicílio, de forma que, para seguir a sequência de entrevistas de um mesmo indivíduo, foi usado também o gênero e data de nascimento dos entrevistados.

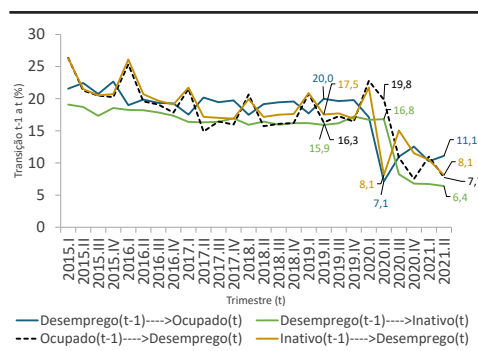


tantes desde a chegada da pandemia. Em meados de março de 2020, o IBGE se viu impedido de realizar as entrevistas para a PNAD Contínua de forma presencial, como era a praxe. Conforme detalhado em Corseuil e Russo,<sup>3</sup> isso trouxe uma redução considerável no número de entrevistas realizadas, principalmente entre indivíduos que seriam entrevistados pela primeira vez no segundo trimestre de 2020, mas também em algum grau relevante para indivíduos que realizariam entrevistas subsequentes. As consequências desse fato repercutem para além do segundo trimestre de 2020, e podem exercer certa influência na análise que segue.

## 2.1 Fluxos determinantes para a desocupação

O gráfico 13 mostra os fluxos detalhados que determinam o comportamento da desocupação. Antes de 2020, as quatro séries aparentam certa estabilidade, com a sazonalidade esperada no primeiro trimestre na entrada para o desemprego. Após o segundo trimestre de 2020, no entanto, todos as movimentações para o desemprego caem. Os últimos trimestres são marcados pela queda no fluxo de saída da ocupação para o desemprego e pelo aumento da entrada na ocupação de trabalhadores vindos do desemprego.

GRÁFICO 13  
Transições para dentro e fora do desemprego após o primeiro trimestre  
(Em %)



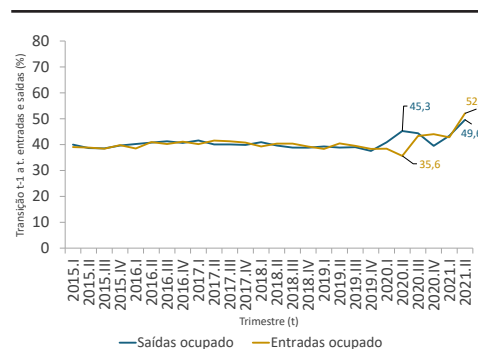
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 2.2 Fluxos determinantes para ocupação

Os próximos gráficos são construídos a partir dos fluxos de trabalhadores entre diferentes posições no mercado de trabalho, identificados por entrevistas consecutivas de indivíduos amostrados na PNAD Contínua, normalizados pela população ocupada estimada do trimestre anterior do grupo sob análise. Dessa forma, busca-se mostrar a importância desses fluxos na variação trimestral registrada por essas populações.

O gráfico 14 mostra os fluxos de entrada e saída para a população ocupada estimada pela PNAD Contínua.<sup>4</sup> A diferença entre as duas linhas é equivalente, por construção, à variação trimestral es-

GRÁFICO 14  
Fluxos de saída, entrada para ocupação e variação do peso amostral após o primeiro trimestre  
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
Obs: Os fluxos de entrada incluem indivíduos que acabaram de entrar na amostra (primeira entrevista) como ocupados e indivíduos que transitaram da não ocupação para ocupação. Os fluxos de saída incluem indivíduos que eram ocupados e saíram na amostra após a última entrevista e aqueles que transitaram da ocupação para não ocupação.

3. Disponível em: <[www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210318\\_cc\\_50\\_nota\\_22\\_amostra\\_da\\_pnad\\_continua.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210318_cc_50_nota_22_amostra_da_pnad_continua.pdf)>.

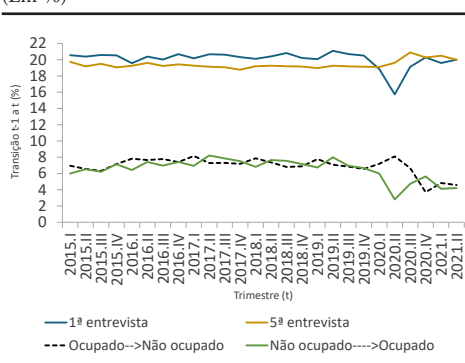
4. Além disso, foi calculado o saldo da soma de todas as variações no peso amostral dos indivíduos que permaneceram ocupados de um trimestre para o outro. Quando esse saldo no trimestre é positivo, ele é acrescido na série das entradas; quando for negativo, na série das saídas.

timada da população ocupada. O gráfico mostra dois fatos interessantes relativos à evolução de ambos os componentes registrada no segundo trimestre de 2021. Em primeiro lugar, tanto o fluxo de entrada na ocupação quanto o de saída apresentam uma elevação expressiva, chegando aos respectivos máximos valores no horizonte temporal. Segundo, como era de se esperar, dado o aumento da ocupação reportado na seção anterior para o segundo trimestre de 2021, o fluxo de entrada volta a superar o fluxo de saída; o que só havia acontecido uma vez (quarto trimestre de 2020) nos cinco trimestres anteriores. Esses dois fatos, analisados em conjunto, apontam para um mercado de trabalho bastante turbulento, haja vista que a magnitude de cada um dos dois componentes, que se aproxima de 50% do estoque de ocupados no segundo trimestre de 2021, é muito superior ao saldo de 2,5% da ocupação nesse mesmo período. Note que parte da turbulência recente assinada pode refletir uma eventual maior relevância de entradas e saídas da amostra devido aos problemas enfrentados pelo IBGE para conseguir entrevistar as pessoas após o início da pandemia. Com essa motivação, procedemos para um exercício de decomposição dos fluxos mostrados no gráfico 14. Parte dos resultados desse exercício está ilustrada no gráfico 15.

Na parte superior do gráfico 14, as linhas registram as evoluções tanto do fluxo de entrada na ocupação relativo a indivíduos que entram na amostra para fazer a primeira entrevista e nela já se declaram ocupados, bem como o fluxo de saída relativo a indivíduos que ocupavam um posto de trabalho quando foram entrevistados pela quinta e última vez, deixando, portanto, a amostra após essa entrevista. Vale destacar que, no segundo trimestre de 2021, esses movimentos se cancelam. Além disso, podemos ver a tendência de um maior número de indivíduos na primeira entrevista do que na quinta, em decorrência de uma dificuldade natural de o IBGE recontactar alguns dos entrevistados por motivos diversos, tais como mudança de domicílio ou ausência temporária, por exemplo.

Na parte inferior do gráfico 14, as linhas registram evoluções tanto de entradas no conjunto de ocupados referentes a indivíduos que haviam reportado outra inserção no mercado de trabalho no trimestre anterior, como de saída desse mesmo conjunto referente a indivíduos que estavam ocupados no trimestre anterior, mas que mudaram a sua inserção no mercado de trabalho. Mais uma vez, esses componentes quase se cancelam no segundo trimestre de 2021. Portanto, o crescimento do emprego nesse ponto mais recente da série histórica se deve a outros elementos não contemplados no gráfico 15.

**GRÁFICO 15**  
**Decomposição das entradas e saídas para ocupação após o primeiro trimestre: indivíduos na primeira ou última entrevista e indivíduos mudando de situações de ocupação**  
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.



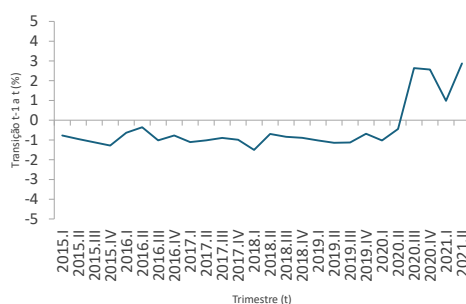
É possível notar que a análise conjunta desses quatro componentes ilustrados no gráfico 15 não parece esclarecer alguns fatos destacados no gráfico 14, a começar pelo saldo positivo de 2,5% para a ocupação no segundo trimestre de 2021, que não encontra respaldo nas evoluções reportadas no gráfico 15. Da mesma forma, nenhum dos quatro componentes representados no gráfico 15 apresenta seu máximo histórico no segundo trimestre de 2021, fato esse registrado nos fluxos de entrada e saída da ocupação representados no gráfico 14.

Esses fatos passam a ser conciliados quando passamos a considerar um outro componente para o crescimento da ocupação total que agrega situações que tinham uma relevância mais limitada antes da pandemia, mas que vem se mostrando mais relevante desde o terceiro trimestre de 2020. O gráfico 16 apresenta a evolução do saldo desse outro componente que agrega tanto outros movimentos de entrada e saída da amostra para além dos provenientes das primeiras e quintas entrevistas, bem como indivíduos que permanecem ocupados, mas que têm variações no respectivo fator de expansão. O gráfico deixa bem claro que o aumento na população ocupada no segundo trimestre de 2021 se deve ao comportamento atípico de um componente (que deveria ser) residual. Essa constatação recomenda uma postura cautelosa quanto a decisões de política econômica baseadas nesse aumento da população ocupada, bem como deixa uma dúvida sobre uma eventual continuidade desse movimento, na medida em que o sistema de entrevistas se normalize.

### 2.3 Fluxos determinantes para a ocupação formal

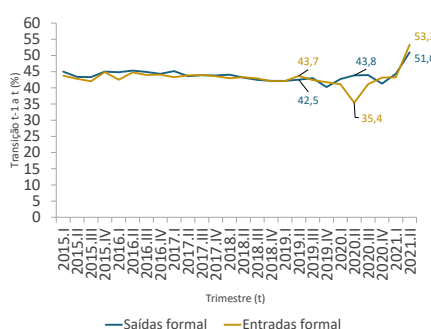
O gráfico 17 mostra os mesmos indicadores do gráfico 14, agora para população de empregados com carteira, excluídos os trabalhadores domésticos. O gráfico 17 confirma que os mesmos dois fatos destacados para a evolução da ocupação total no segundo trimestre de 2021 também se manifestam para a evolução do emprego formal. Em primeiro lugar, tanto o fluxo de entrada na ocupação formal quanto o fluxo de saída apresentam uma elevação expressiva, chegando aos respectivos máximos valores no horizonte temporal reportado no gráfico 17. Em segundo lugar, o fluxo de entrada volta a superar o fluxo de saída,

**GRÁFICO 16**  
**Decomposição das entradas e saídas para ocupação após o primeiro trimestre: saldo de outras entradas e saídas e variação do peso amostral**  
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 17**  
**Fluxos de saída de entrada para formalidade após o primeiro trimestre**  
 (Em %)

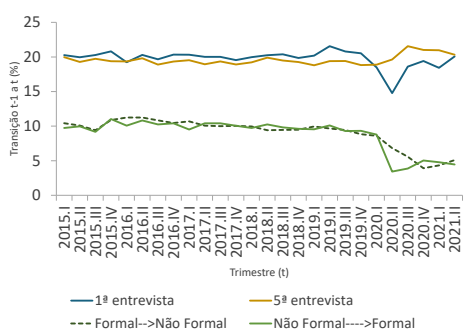


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
 Obs.: Os fluxos de entrada incluem indivíduos que entraram na amostra como formais e indivíduos que transitaram da não formalidade para formalidade. Os fluxos de saída incluem indivíduos que eram formais e saíram da amostra e indivíduos que transitaram da formalidade para não formalidade. Neste gráfico, estão inclusos na formalidade empregados com carteira excluídos os trabalhadores domésticos.

o que só havia acontecido uma vez (quarto trimestre de 2020) nos cinco trimestres anteriores.

Como na análise da população ocupada total, o próximo gráfico (18) apresenta a evolução de dois componentes tanto para o fluxo de entrada quanto para o de saída do emprego formal. Na parte superior do gráfico, as linhas registram as evoluções do fluxo de entrada na ocupação formal relativo a indivíduos que entram na amostra para fazer a primeira entrevista e nela já se declaram ocupando um posto de trabalho formal, e do fluxo de saída relativo a indivíduos que ocupavam um posto formal quando foram entrevistados pela quinta e última vez, deixando, portanto, a amostra após essa entrevista. Vale destacar que no segundo trimestre de 2021 esses movimentos se cancelam.

**GRÁFICO 18**  
**Decomposição dos fluxos de entrada para formalidade após o primeiro trimestre: primeiras e últimas entrevistas e mudança de situação na formalidade**  
 (Em %)

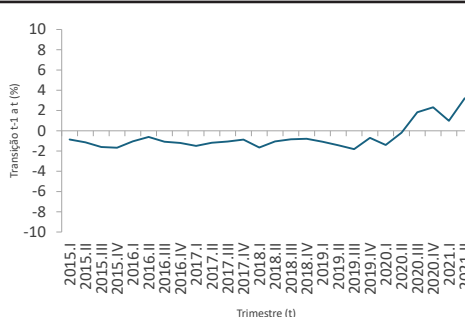


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
 Obs: Nesse gráfico estão inclusos na formalidade empregados com carteira, excluídos os trabalhadores domésticos.

Na parte inferior do gráfico, as linhas registram a evolução tanto do fluxo de entrada no emprego formal referente a indivíduos que haviam reportado outra inserção no mercado de trabalho no trimestre anterior, quanto o fluxo de saída do emprego formal referente a indivíduos que estavam nesse segmento do mercado de trabalho no trimestre anterior, mas que mudaram a sua inserção no mercado de trabalho. Mais uma vez, esses componentes quase se cancelam no segundo trimestre de 2021. Portanto, o crescimento do emprego formal nesse ponto mais recente da série histórica se deve a outros elementos não contemplados no gráfico 18.

O gráfico 19 confirma que o responsável pelo crescimento do emprego formal, no segundo trimestre de 2021, é um componente distinto dos analisados anteriormente, que agrega outros movimentos de entrada e saída da amostra, para além dos provenientes de primeiras e quintas entrevistas, bem como indivíduos que permanecem ocupados, mas que têm variações no respectivo fator de expansão. O gráfico deixa bem claro que o aumento no emprego formal no segundo trimestre de 2021 também se deve ao comportamento atípico de um componente residual.

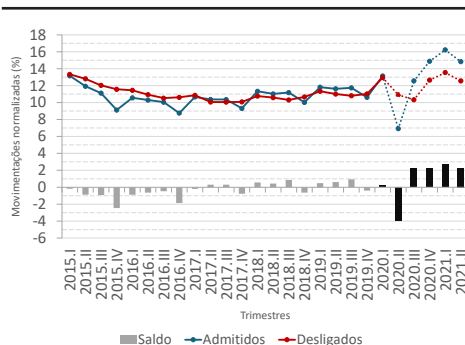
**GRÁFICO 19**  
**Decomposição dos fluxos de entrada para formalidade após o primeiro trimestre: outros entrantes e outras saídas**  
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Outra forma de analisar os fluxos para a população de trabalhadores formais é por meio dos dados do Caged e Novo Caged. O gráfico 20 mostra essas movimentações acumuladas em trimestres de forma a facilitar a comparação com os dados da PNAD Contínua. Deve ser observado que, após 2020, a forma de obtenção desses dados mudou e a publicação passou a se chamar Novo Caged, o que é representado no gráfico com a linha pontilhada.

**GRÁFICO 20**  
**Caged e Novo Caged: vínculos admitidos, desligados e saldo trimestralizados**  
 (Em %)



Fonte: Caged e Novo Caged / ecretaria do Trabalho, Ministério da Economia; PNAD Contínua/IBGE.

Obs.: As movimentações do Caged e Novo Caged foram normalizadas utilizando a população estimada de empregados com carteira, excluídos os trabalhadores domésticos, do trimestre anterior.

Como observado na PNAD Contínua, o fluxo de entrada no emprego formal (admissões) supera o fluxo de saídas (desligamentos) no segundo trimestre de 2021. No entanto, o padrão reportado pelo Caged difere daquele observado na PNAD Contínua em ao menos dois aspectos. Em primeiro lugar, tanto as admissões como os desligamentos recuam no segundo trimestre de 2021, ao contrário do que ocorria na PNAD Contínua. Em segundo lugar, os desligamentos são superados pelas admissões sistematicamente desde final de 2020.

### 3 Análise desagregada da desocupação

Os dados desagregados extraídos da PNAD Contínua trimestral mostram que, no segundo trimestre de 2021, todos os segmentos considerados apresentaram queda nas respectivas taxas de desocupação (tabela 1) na comparação com o trimestre anterior. No entanto, muitos dos segmentos pesquisados registram aumento do desemprego quando comparados ao observado no mesmo período do ano anterior.

Na comparação interanual, entre as regiões do país, observam-se comportamentos distintos – queda do desemprego no Centro-Oeste e no Sul e aumento no Norte, Nordeste e Sudeste. Em termos absolutos, no segundo trimestre, as maiores taxas de desocupação foram verificadas em Pernambuco (21,6%), Bahia (19,7%), Sergipe (19,2%), Alagoas (18,8%) e Rio de Janeiro (18,0%). Para as regiões metropolitanas e não metropolitanas, a pesquisa mostra que houve alta do desemprego em ambos os segmentos, cujas taxas de desocupação passaram de 15,7% e 11,5% em 2020 para 16,2% e 12,5% em 2021.

A desagregação por gênero indica um comportamento distinto do desemprego entre homens e mulheres. De fato, enquanto a desocupação masculina recuou de 12,0% para 11,7%, entre 2020 e 2021, o desemprego entre as mulheres avançou 2,2 p.p., chegando a 17% no segundo trimestre deste ano. O corte por posição familiar indica que a taxa de desemprego entre os não chefes de família (17,7%) se mantém bem acima da registrada entre os chefes de família (9,7%).

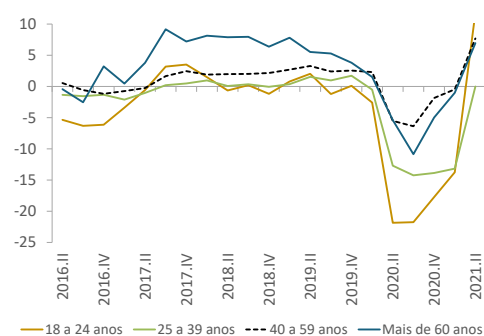
TABELA 1  
Taxa de desemprego  
(Em %)

	2019				2020				2021	
	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.
Brasil	12,7	12,0	11,8	11,0	12,2	13,3	14,6	13,9	14,7	14,1
Centro Oeste	10,8	10,3	10,2	9,3	10,6	12,5	12,7	11,8	12,5	11,6
Nordeste	15,3	14,6	14,4	13,6	15,6	16,1	17,9	17,2	18,6	18,2
Norte	13,1	11,8	11,7	10,6	11,9	11,8	13,1	12,4	14,8	14,0
Sudeste	13,2	12,4	11,9	11,4	12,4	13,9	15,4	14,8	15,2	14,5
Sul	8,1	8,0	8,1	6,8	7,5	8,9	9,4	8,2	8,5	8,2
Masculino	10,9	10,3	10,0	9,2	10,4	12,0	12,8	11,9	12,2	11,7
Feminino	14,9	14,1	13,9	13,1	14,5	14,9	16,8	16,4	17,9	17,1
18 a 24 anos	27,3	25,8	25,7	23,8	27,1	29,7	31,4	29,8	31,0	29,5
25 a 39 anos	11,9	11,1	10,8	10,3	11,2	12,9	14,2	13,9	14,7	13,8
40 a 59 anos	7,5	7,2	7,1	6,6	7,5	8,7	9,9	9,0	9,7	9,5
Mais de 60 anos	4,5	4,8	4,6	4,2	4,4	4,8	5,1	5,0	5,7	5,4
Não de Chefe Família	16,6	15,5	15,1	14,0	15,4	16,5	18,0	17,4	18,5	17,7
Chefe de Família	7,9	7,7	7,6	7,2	8,2	9,4	10,3	9,5	10,1	9,7
Fundamental Incompleto	11,3	10,9	11,1	10,4	11,1	12,9	14,0	13,0	13,4	13,2
Fundamental Completo	13,9	13,9	13,8	12,3	13,8	15,8	16,9	16,0	15,4	15,3
Médio Incompleto	22,1	20,5	20,6	18,5	20,4	22,4	24,3	23,7	24,4	23,0
Médio Completo	14,6	13,6	12,9	12,2	14,1	15,3	17,0	16,1	17,2	16,4
Superior	8,6	8,1	7,7	7,3	8,2	8,6	9,3	9,2	10,4	9,5
Região Metropolitana	14,3	13,8	13,4	12,5	13,8	15,7	17,4	16,8	17,0	16,2
Não Região Metropolitana	11,5	10,6	10,5	9,7	11,0	11,5	12,4	11,7	13,0	12,5

Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

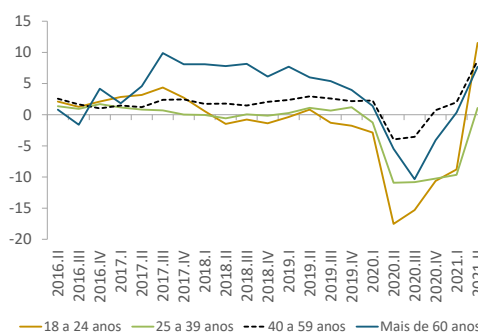
Os dados por faixa etária do segundo trimestre de 2021 mostram que, embora a desocupação dos jovens continue sendo a mais elevada (29,5%), este foi o único segmento de apontou retração (0,02 p.p.) na comparação com o mesmo período de 2020. Nota-se que essa desaceleração foi decorrente de uma expansão de 11,8% da população ocupada no trimestre (gráfico 21), cujos efeitos só não foram ainda mais significativos para a redução do desemprego dado a alta de 11,5% observada na força de trabalho deste grupo (gráfico 22). Deve-se ressaltar ainda que, apesar de apontarem aumento da desocupação, à exceção dos trabalhadores com idade entre 25 e 39 anos – que mostrou estabilidade na ocupação –, as demais faixas etárias registraram aumento da população ocupada no segundo trimestre, na comparação interanual. Entretanto, esse avanço da ocupação não foi forte o suficiente para anular os efeitos da expansão da população ocupada no período.

GRÁFICO 21  
População Ocupada - por faixa etária  
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

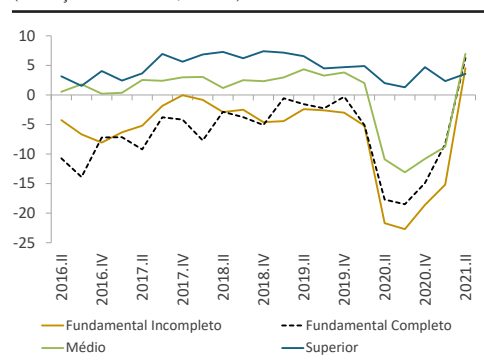
GRÁFICO 22  
População Economicamente Ativa - por faixa etária  
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

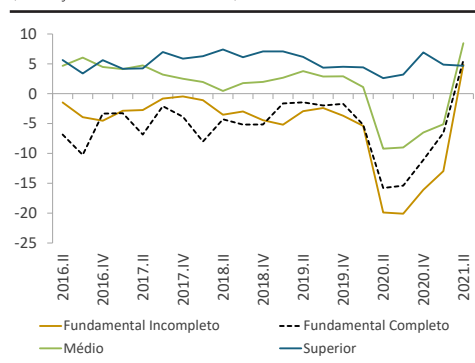
A abertura por grau de escolaridade também sinaliza um aumento da desocupação em praticamente todos os níveis educacionais, mesmo em um contexto de expansão da população ocupada. Por certo, apesar do avanço de 1,1 p.p. da taxa de desemprego, no segundo trimestre, na comparação interanual, a ocupação entre os trabalhadores com o ensino médio (completo e incompleto) acelerou 7,0%, no período (gráfico 23). Entretanto, a alta de 8,5% da força de trabalho deste segmento educacional anulou os efeitos dessa melhora da ocupação sobre o desemprego (gráfico 24). Deve-se registrar ainda que o único segmento que apontou queda da desocupação no segundo trimestre foi o dos trabalhadores com ensino fundamental completo, cuja recuo de 0,5 p.p. decorreu de uma alta da ocupação (6,2%), em ritmo superior ao observado na força de trabalho (5,6%). Por fim, os dados revelam que, mesmo diante de um incremento de 0,9 p.p. da taxa de desemprego, no último trimestre, o conjunto dos trabalhadores com ensino superior não só apresenta a menor desocupação (9,5%), como também é o único a registrar avanço da ocupação em todos os trimestres desde o início da pesquisa em 2012.

GRÁFICO 23  
População Ocupada - por grau de instrução  
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 24  
População Economicamente Ativa - por grau de instrução  
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 4 Emprego setorial

A tabela 2 mostra a evolução anual da população ocupada desagregada pelo critério setorial. Na comparação entre os segundos trimestres de 2020 e 2021, nove dos treze setores apresentaram saldos positivos, pela primeira vez, desde o segundo trimestre de 2020, momento no qual os setores apresentaram quedas recordes, dado o início da pandemia.

Deve-se destacar os setores de construção e agricultura, que registraram crescimento de 19,6% e 11,8% respectivamente. Já os segmentos de alojamento e alimentação; e serviços domésticos também apresentaram ganhos após cinco trimestres de perdas próximas a 20%, sinalizando o início de uma recuperação mais intensa, dado o impacto negativo causado pelas medidas de redução de contato social.



TABELA 2

**População ocupada por setores: variação interanual (1º trim./2019-1º trim./2021)**  
(Em %)

	2º trim. 2019	3º trim. 2019	4º trim. 2019	1º trim. 2020	2º trim. 2020	3º trim. 2020	4º trim. 2020	1º trim. 2021	2º trim. 2021
Agricultura	2,8	-2,0	-0,7	-1,9	-7,9	-2,7	2,7	4,0	11,8
Indústria de Transformação	0,8	1,3	3,0	1,1	-11,1	-11,9	-8,8	-6,6	5,2
Indústria Extrativa	2,2	-0,3	9,3	9,3	7,7	-6,9	-11,9	-12,7	-8,1
SIUP	3,1	9,8	4,5	3,4	-12,1	-18,8	-27,1	-18,4	-19,2
Construção Civil	1,0	1,3	0,2	-2,1	-19,4	-16,6	-11,8	-5,7	19,6
Comércio	1,1	0,9	1,5	-0,9	-13	-13,5	-10,9	-9,4	4,6
Serviços a empresas	6,2	3,9	2,2	1,5	-4,2	-6,5	-1,2	-0,5	7,3
Transporte	4,8	6,1	3,1	1,7	-10,7	-15,5	-12,8	-11,1	3,4
Serviços Pessoais	5,7	1,8	4,5	2,1	-17,5	-20,8	-18,4	-18,5	0,2
Administração Pública	-0,3	-1,3	0,4	0,5	4,2	2,2	3,1	-2,8	-3,5
Saúde e Educação	3,6	2,6	1,7	4,7	1,1	-3,7	-0,4	0,7	-0,4
Alojamento e Alimentação	4,4	2,2	5,2	-1,3	-26,1	-29,9	-27,7	-26,1	7,7
Serviços Domésticos	1,3	1,4	2,1	-2,2	-24,7	-26,5	-22,3	-17,3	9,0

Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A tabela 3 analisa a variação interanual do segundo trimestre de 2021, levando em conta a posição na ocupação, observada na PNAD Contínua. O crescimento observado nos setores de agricultura e construção tem origem no aumento da população de trabalhadores por conta própria e sem carteira. A recuperação dos setores de alimentação e alojamento e dos serviços domésticos também aparenta ter ocorrido via informalidade: para trabalhadores domésticos com carteira, ainda foi observado queda de 7% na comparação anual.

Além disso, como outra fonte de análise para o mercado formal, a tabela mostra o saldo anual de vínculos do Novo Caged, normalizado pela população estimada pela PNAD Contínua de empregados com carteira, militares e estatutários do segundo trimestre de 2020. Os setores de construção civil e, em menor escala, agricultura, indústria de transformação e comércio são os com maior crescimento, enquanto apenas administração pública ficou estagnada no período.

TABELA 3

**População ocupada por setores e posição na ocupação: variação interanual (2º trim./2021)**  
(Em %)

	Novo Caged <sup>1</sup>	Com Carteira <sup>2</sup>	Sem Carteira <sup>3</sup>	Conta-Própria
TOTAL	7,0	-0,6	10,3	14,7
Agricultura	11,0	-0,8	15,1	15,1
Indústria Transformação	10,6	1,5	14,9	14,9
Indústria Extrativa	4,4	-9,9	7,2	43,1
SIUP	2,9	-12,2	-26,5	-51,7
Construção Civil	25,2	2,4	26,3	25,8
Comércio	10,0	-0,1	18,1	9,2
Informática, Financeira, Serviços a empresas	10,8	2,8	13,1	20,2
Transporte	4,2	-1,5	5,0	8,1
Serviços Pessoais	4,2	-17,6	-1,3	9,8
Adm Pública	-0,1	-2,3	-7,9	-
Saúde e Educação	2,1	-0,8	-12,8	34,4
Alojamento e Alimentação	3,2	0,1	17,7	11,6
Serviços Domésticos	-	-7	15,7	-

Fonte: PNAD Contínua/IBGE; Novo Caged/Ministério da Economia.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

<sup>1</sup> A variação percentual foi obtida utilizando a população de empregados com carteira, militares e estatutários estimada pela PNAD Contínua para normalização.

<sup>2</sup> Empregados com carteira, militares e estatutários.

<sup>3</sup> Empregados sem carteira e trabalhador auxiliar familiar sem remuneração.

#### **Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):**

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Diretor)  
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor Adjunto)



#### **Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:**

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Editor)  
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)  
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos  
Fábio Servo  
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos  
Leonardo Mello de Carvalho  
Maria Andréia Parente Lameiras  
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa  
Paulo Mansur Levy  
Sandro Sacchet de Carvalho

#### **Pesquisadores Visitantes:**

Ana Cecília Kreter  
Andreza Aparecida Palma  
Cristiano da Costa Silva  
Sidney Martins Caetano  
Tarciso Gouveia da Silva

#### **Equipe de Assistentes:**

Caio Rodrigues Gomes Leite  
Carolina Ripoli  
Felipe dos Santos Martins  
Felipe Moraes Cornelio  
Felipe Simplicio Ferreira  
Marcelo Lima de Moraes  
Pedro Mendes Garcia  
Rafael Pastre  
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

#### **Design/Diagramação:**

Augusto Lopes dos Santos Borges  
Leonardo Simão Lago Alvite

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.